

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS BACHARELADO

Nicole Costa Ribeiro Viana

Ficções Hongkongoianas: divagações artísticas em contexto global

Goiânia
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Nicole Costa Ribeiro Viana**

Título do trabalho: **Ficções Hongkongoianas: divagações artísticas em contexto global**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza, Professor do Magistério Superior**, em 13/12/2024, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nicole Costa Ribeiro Viana, Discente**, em 14/12/2024, às 06:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5040716** e o código CRC **1D747AF2**.

Referência: Processo nº 23070.015726/2024-02

SEI nº 5040716

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Nicole Costa Ribeiro Viana

Ficções Hongkongoianas: divagações artísticas em contexto global

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientador: Paulo Henrique Duarte Feitoza

Goiânia

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Viana, Nicole Costa Ribeiro

Ficções Hongkongoianas [manuscrito] : divagações artísticas em contexto global / Nicole Costa Ribeiro Viana. - 2024.

60 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2024.

Anexos.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Pesquisa em Arte. 2. Wong Kar-Wai. 3. Guache. 4. Arte Contemporânea. 5. Processo Artístico. I. Feitoza, Paulo Henrique Duarte, orient. II. Título.

CDU 73



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 10 dias do mês de dezembro do ano de 2024 iniciou-se, às 10h30 no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **Ficções Hongkongoianas: divagações artísticas em contexto global**, de autoria de **Nicole Costa Ribeiro Viana**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pelo orientador e presidente da banca, Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profª. Dra. Ana Lúcia Beck (FAV/UFG) e Profª. Dra. Eliane Maria Chaud (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) à estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2024, às 17:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Maria Chaud, Professora do Magistério Superior**, em 12/12/2024, às 17:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia Beck, Professora do Magistério Superior**, em 13/12/2024, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_externo=0, informando o código verificador **5024623** e o código CRC **A046FE2C**.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Silvio Viana Neto e Adriele Costa Ribeiro Viana, que me criaram com carinho, valorizaram e respeitaram minhas paixões, ainda que não as compreendessem.

Aos meus irmãos, Victor Augusto Ribeiro Rios por demonstrar genuíno interesse na minha arte antes de todos e Calebe Costa Ribeiro Viana porque ele é fofo.

Ao meu avô, David Ribeiro, que veio do interior de Goiás para trabalhar em Goiânia sem nem ter o que calçar, trabalhou e estudou arduamente para que suas futuras gerações pudessem ter o curso superior que ele não teve. Deixo a ele esta homenagem póstuma, porque se não fosse por ele, não seria possível que eu fosse o primeiro da minha família a ingressar em uma universidade federal.

Ao meu orientador Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza, pelos conselhos e por ter visto neste trabalho algum potencial, antes de qualquer um. Também pelas provocações e debates em sala de aula que despertaram em mim a paixão pela arte e também evidenciaram a dele.

Aos membros da banca avaliadora, Dra. Ana Lúcia Beck por me apresentar à Pesquisa em Arte e pelo estímulo à busca de conhecimento sobre arte e a Dra. Eliane Chaud pela gentileza e sensibilidade ao discutir comigo meu trabalho artístico. À ambas, pelas provocações que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho, também por terem aceitado fazer parte deste momento tão importante em minha graduação.

Aos meus amigos do curso de Artes Visuais: Lui Apollo Santos Veiga, Daniel Otávio Alves Neres, Vinícius Henri Lobato Monteiro, Daniel Ferreira Mendes, Júlio César Pinheiro Dourado, Elis de Oliveira e Sarah Godinho Pancieri, por terem compartilhado comigo risadas, muitas conversas descontraídas e a paixão artística.

Escrevendo isso, percebo que tenho muitas pessoas a quem ser grato, o que me alegra. Se eu citasse todas que me ajudaram até eu estar aqui, provavelmente tomaria espaço e só entediaria o leitor que não conhece minha trajetória. Então por fim, deixo um último agradecimento a todos aqueles que fizeram parte dessa trajetória, de outros familiares, até professores e mestres.

RESUMO

Este trabalho é uma Pesquisa em Arte em que exploro meu processo artístico desde sua concepção até o estágio atual de desenvolvimento, bem como minha experiência no curso de Bacharelado em Artes Visuais da UFG. Utilizando dos escritos de Fayga Ostrower e a filmografia de Wong Kar-Wai como referencial teórico e visual, pesquiso multiculturalidade em Goiânia e na Hong Kong de Kar-Wai. Posteriormente, traço um paralelo entre a referência visual cinematográfica e a materialidade do Guache em uma série de pinturas presentes no meu caderno de artista que buscam representar o cotidiano de um jovem em uma metrópole multicultural ficcional.

Palavras-chave: Wong Kar-Wai; Pesquisa em Arte; Guache; Arte contemporânea; Processo Artístico.

ABSTRACT

This work is an Art-based Research in which I explore my artistic process from its conception to the current stage of development, as well as my experience in the Visual Arts bachelor's program at UFG. Using the writings of Fayga Ostrower and the filmography of Wong Kar-Wai as theoretical and visual references, I research multiculturalism in Goiânia and in Kar-Wai's Hong Kong. Subsequently, I draw a parallel between the cinematic visual reference and the materiality of Gouache in a series of paintings present in my sketchbook that seek to represent the daily life of a young man in a multicultural fictional metropolis.

Keywords: Wong Kar-Wai; Arts-based Research; Gouache; Contemporary Art; Artistic Process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pôster francês do filme <i>Karatê Kid</i> (2010).	10
Figura 2 – Gravura de Utagawa Hiroshige e pintura de Van Gogh.	12
Figura 3 – Poster de <i>Besouro</i> (2009).	16
Figura 4 – Pôster de <i>Era uma Vez na China</i> (1991), em inglês.	16
Figura 5 – Nick Costa. <i>Besouro e Tigre se enfrentam no Cerrado</i> , 2023.	17
Figura 6 – Frames retirados de <i>Amores Expressos</i> .	23
Figura 7 – Frames retirados de <i>Anjos Caídos</i> .	24
Figuras 8 – Recorte de Ensaio Fotográfico, 2022.	26
Figuras 9 – Recorte de Ensaio Fotográfico, 2022.	26
Figura 10 – Caderno de artista e paleta.	28
Figura 11 – Henri Matisse. <i>Memórias de Oceania</i> , 1953.	29
Figura 12 – Hélio Oiticica. <i>Meta esquema</i> , 1957.	30
Figura 13 – Nick Costa. Sem título (Recorte de Caderno de Artista). 2024.	33
Figura 14 – Luciana Ohira e Sérgio Bonilha. <i>O Naipe de Ouros</i> , 2023.	34
Figura 15 – Nick Costa. <i>Sem título</i> (Recorte de Caderno de Artista). 2024.	35
Figura 16 – Nick Costa. <i>Sem título</i> (Recorte de caderno de artista). 2024.	36
Figura 17 – Recortes de caderno de artista, posteriormente expandidos.	37
Figura 18 – Nick Costa. Recorte de caderno de artista.	38

Figura 19 – Nick Costa. Recorte de caderno de artista.	38
Figura 20 – Nick Costa. Recorte de caderno de artista.	39
Figura 21 – Recorte de caderno de artista, posteriormente expandido..	39
Figura 22 – Nick Costa. <i>Jantar típico</i> . 2024. Guache sobre papel.	40
Figura 23 – Nicole Costa. <i>Sem título</i> (Recorte de Caderno de Artista), 2024.	43
Figura 24 – Nick Costa. <i>5h55 Interrompendo a hora do chá</i> , 2024.	44
Figura 25 – Obra exposta na exposição <i>Constelar</i> em 2024.	45

SUMÁRIO

Introdução	7
1. ECOS CHINESES e o sombrio período pandêmico	9
1.1. A hora do chá	14
1.2. Interferências	17
2. Comunicando sentimentos e DESLOCAMENTOS	20
2.1. Wong Kar-Wai e a interculturalidade	21
2.2. Versatilidade do guache: O intermediário	27
3. FICÇÕES HONGKONGOIANAS	31
3.1 Ver e copiar	32
3.2. Criar: uma conversa entre materialidades	41
(In)Conclusões	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	52

Introdução

A primeira literatura que nos foi passada no curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás foi *A História da Arte* por E. H. Gombrich (2012). O autor logo nas primeiras frases do livro o autor afirma que não existe Arte, apenas artistas. Ponderei muito tempo sobre isso, pensei no sentido da frase e os motivos pelos quais não existiria Arte. É fácil de compreender depois de ler alguns capítulos do livro, onde ele apresenta que as definições de Arte são voláteis e ele é capaz de expressar isso porque não existe exatamente um consenso sobre o que é Arte, mas uma coletânea de definições que mudam de tempos em tempos. Os artistas, entretanto, são constantes em pelo menos uma coisa: retratar suas próprias realidades ou de sua sociedade, seus sentimentos, medos e desejos.

Este trabalho aqui apresentado nada mais é do que isso, além de uma hipótese. É meu percurso até agora no curso de Artes Visuais e na vida. É para onde eu gostaria de caminhar agora. É um mergulho o mais íntimo que consigo ser em um trabalho científico. São as coisas que amo e as que me incomodam caminhando juntas para formar algo novo. É também a mistura da minha vontade de abraçar o mundo e meu medo perder minha identidade diante do turbilhão informacional dele. É uma apresentação do meu processo artístico e portanto uma Pesquisa em Arte, em que me escancaro através da resignificação de elementos que pertencem ao meu cotidiano aos que não pertencem. É uma tentativa de explorar as possibilidades estéticas e artísticas entre a associação da Hong Kong apresentada na filmografia Wong Kar-Wai e Goiânia vivenciada por mim através da pintura em guache.

No primeiro capítulo, apresento meu percurso inicial no curso Artes Visuais Bacharelado, as primeiras impressões e dificuldades de ingressar em um curso superior durante o período pandêmico, ainda mais tratando-se de um curso em que a interação com obras de arte, colegas e professores é essencial para a prática artística. Também discorro sobre a ideia inicial deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o meu Pré-projeto de TCC apresentado na disciplina de Pesquisa em Arte para a professora Ana Lúcia Beck. Também abordo a escolha temática, as relações que tenho com o tema pessoalmente e as primeiras pinturas relacionadas, produzidas durante a disciplina de Laboratório de Produção Artística II, ministrada pela professora Eliane Chaud.

No capítulo dois, faço um mergulho íntimo sobre minha própria dificuldade de comunicação e como isso me levou a me identificar profundamente com a filmografia de Wong Kar-Wai, especialmente os filmes *Amores Expressos* (1994) e *Anjos Caídos* (1995).

Também discuto aspectos da materialidade do guache, suas características, as particularidades que observei durante a prática e possíveis usos poéticos dele em produções artísticas.

Por fim, no terceiro capítulo discorro sobre o termo ficção e o motivo pelo qual o utilizo dividindo-o em dois tópicos que fazem parte do meu processo de ficcionalizar. Baseando-me em dois escritos de Fayga Ostrower, relaciono minha produção com as palavras da artista e professora. Em *Ver e Copiar* abordo a parte do processo em que copio para me familiarizar com formas e lugares ou para guardá-los em memória, sejam frames de filmes ou no cotidiano. Em *Criar: uma conversa entre materialidades* abordo a parte do processo em que resgato e interfiro nas imagens mentais.

Este Trabalho de Conclusão de Curso visa lançar um panorama sobre meu caminho na arte, na vida e na universidade, apresentando produções autorais produzidas durante o curso ou processos ainda em andamento. Trata-se de uma Pesquisa em Arte em que exploro meu processo de criação ao unir a cidade de Goiânia e a Hong Kong apresentada em *Amores Expressos* e *Anjos Caídos* de Wong Kar-Wai, buscando traçar um paralelo e refletir sobre interculturalidade das metrópoles, seus desafios e possibilidades.

1. ECOS CHINESES e o sombrio período pandêmico

Ingressar em um curso superior presencial em plena pandemia foi uma sensação singular. O primeiro ano parece ter se perdido, já que ver quadros por telas de LED e ler os mais incríveis livros sobre arte nas letras miúdas de um arquivo PDF prejudicou a compreensão do que se tratava as disciplinas e até mesmo a Arte, apesar dos esforços dos professores. Não sinto que fui capaz de entender as diversas facetas do curso e seus caminhos, talvez porque o fazer artístico seja completamente sensível e humano e encarar pessoas por reuniões online não é tanto.

Eu só realmente compreendi do que se tratava um curso de bacharelado em Artes Visuais no terceiro ou quarto ano de curso. No final. Sentindo a obrigação de olhar para dentro de mim para entender as problemáticas que encontrei no percurso. Olhando a forma como os calouros foram recebidos, como participaram de exposições e eventos desde o início, percebo a discrepância nas experiências e é inevitável se sentir roubado pelas circunstâncias. Acredito que minha trajetória teria sido diferente se não houvesse pandemia, talvez eu não tivesse escolhido a arte como profissão, teria desistido do curso no primeiro ano ou meu caminho durante estes quatro anos poderia ter sido mais suave. A única coisa que eu sei com certeza é que nada disso seria possível se não fosse a pandemia, já que o motivo desse trabalho existir teve seu ponto inicial durante esse período sombrio e enlutado.

Apesar desses empecilhos, o ensino remoto fazia parecer que meu dia tinha quatro horas a mais. Uma vez que, em um dia de aula normal, eu gastaria duas horas indo para a faculdade e mais duas voltando para casa. Remotamente, eu assistia às aulas da escrivinha, no conforto do meu lar, do meu casulo. Essas horas extras pareciam uma luz no fim do túnel, um alívio, uma oportunidade para me dedicar a mim mesmo e àquilo que me inspirava e instigava a vontade de ser artista.

Talvez pelo tempo extra, decidi aprender um novo idioma. Como já sabia inglês, decidi mergulhar em um idioma que fez parte da minha infância: o mandarim. Seja no filme *Karatê Kid* (2010), *Mulan* (1998) ou em *Kung Fu Panda* (2008), já tinha tido um pequeno contato com a cultura e línguas chinesas, mesmo que por olhos ocidentais. Decidi que aprendê-las poderia ser uma importante habilidade nos dias atuais, além de gostar da sonoridade e de algumas pessoas que as falam. Também tenho outros hábitos que potencializaram a vontade, como o de comprar em sites chineses, bugigangas, a maioria dos produtos tecnológicos e até minhas tintas, como muitas pessoas da minha geração também

fazem. Parece ter se tornado um hábito comum comprar de sites ou lojas chinesas. Também, a simples frase *Made in China* parecia motivo suficiente para que eu quisesse saber mais sobre estas palavras que tão sutilmente circundam minha vida, além do simples gostar.



Figura 1 - Pôster francês do filme *Karatê Kid* (2010). Fonte: IMDb

https://www.imdb.com/title/tt1155076/mediaviewer/rm2550559744/?ref=ttmi_mi_all_131

A partir de então, tentei ser o mais imersivo possível no aprendizado nas atuais condições de quarentena da época. Assistia a filmes e seriados, ouvia músicas, fazia cursos online, lia livros e conversava com nativos chineses por meio de aplicativos de aprendizagem de idiomas. Isso naturalmente me fez tomar ainda mais gosto pelo tema.

Quando as aulas presenciais da faculdade começaram, dei uma pausa nos estudos de idioma, justamente por ter que começar a planejar melhor minhas atividades do dia devido

ao tempo de deslocamento extenso pela cidade. No processo de atravessar Goiânia todos os dias e já com essas referências em mente, eu comecei a perceber algumas coisas relacionadas aos meus interesses pela cidade. Letreiros em chinês, em vermelho vivo ou a simples menção ao nome do país já capturaram minha atenção. Eu tentava identificar os caracteres mais avançados durante essa viagem, ouvia *C-pop* e lia textos durante essas horas no transporte coletivo para adquirir vocabulário, o que tornava as horas de deslocamento menos detestáveis e desconfortáveis. Também ajudou a descobrir novos lugares da cidade em que vivi durante a vida toda. Foi uma época de redescoberta de Goiânia, especialmente. Eu nunca tinha andando tão longe com minhas próprias pernas e isso foi significativo. A região central é assustadora para alguém que nunca tinha ido muito além da sua região periférica, monótona e silenciosa. O som, as cores, o ritmo e até mesmo o clima são completamente diferentes mesmo que ambas as regiões estejam na mesma cidade. Era também o lugar onde se encontra os polos comerciais mais importantes e movimentados. Essa movimentação intensa estava longe da minha rotina antes e foi também um desafio ao ingressar na universidade se sentir estrangeiro na cidade em que vivi a vida inteira.

O que eu produzia na época não tinha muito em comum com essa vivência. Eu enxergava a minha vida e o trabalho artístico como coisas separadas e, muitas vezes, produzia apenas por nota ou por um bom retorno crítico do professor. A deficiência de personalidade evidente era resposta a uma primeira impressão errônea adquirida nos anos de ensino remoto da faculdade de que a reação do público era mais importante do que a experiência pessoal do artista. Eu me questionava também se durante uma época em que o mundo inteiro tinha acabado de sofrer coletivamente e todos que eu conhecia haviam perdido pelo menos uma pessoa graças ao Covid-19 valia a pena ser tão pessoal. Após revisitar alguns textos do início da faculdade, me deparei com frases que mudaram este pensamento, uma delas está em *Universos da Arte* (Ostrower, 2013): “(...) as obras de arte revelam a experiência do artista, como indivíduo, diante de propostas e valores que existem em sua sociedade.” e posteriormente também encontrei em Charles Baudelaire algum respaldo sobre o assunto:

O artista, o verdadeiro artista, o verdadeiro poeta, só deve pintar de acordo com o que vê e sente. Deve ser realmente fiel a sua própria natureza; deve evitar, por todos os meios, tomar os olhos e sentimentos emprestados de outro homem, por mais extraordinário que seja, pois suas produções seriam mentiras, em relação a si mesmo, e não realidades. (Baudelaire, 2019, p. 119.)

Foi durante a disciplina de História da Arte III, ministrada pelo professor Paulo H. Duarte Feitoza, que percebi como a arte era, na verdade, uma coisa para se apaixonar e viver. Os colegas pareciam igualmente entusiasmados com as aulas, já que as discussões eram como nunca tinham sido antes. Nesse período, nos aprofundamos nas Vanguardas Europeias e discutimos as pinturas com mais intimidade com as vidas dos pintores. A parte mais significativa aconteceu quando chegamos aos artistas pós-expressionistas.

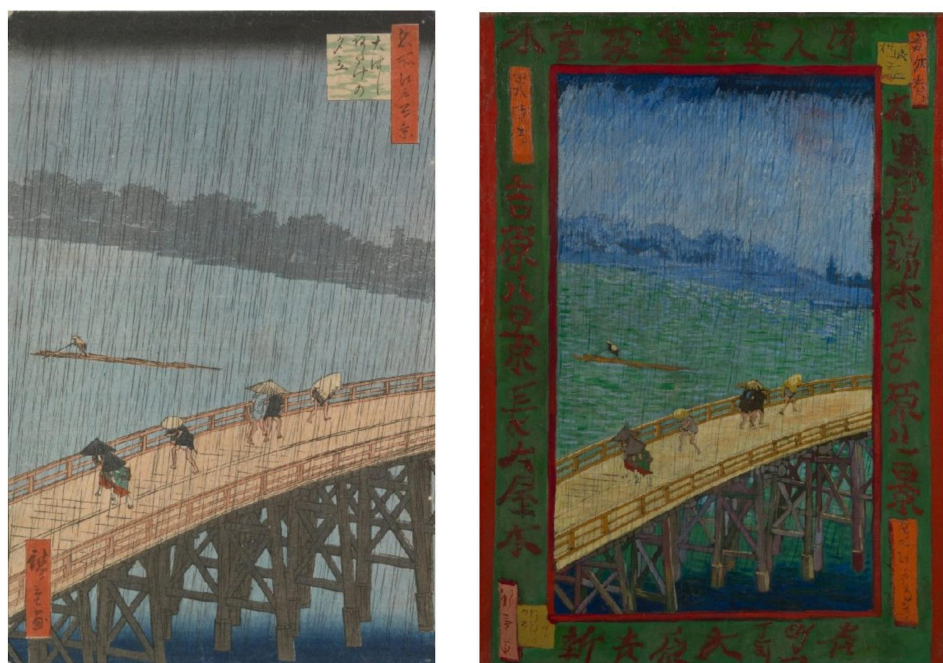


Figura 2 – Gravura de Utagawa Hiroshige e pintura de Van Gogh. Fonte:
<https://www.vangoghmuseum.nl/en/japanese-prints/collection/n0081V1962>
<https://www.vangoghmuseum.nl/en/collection/s0114V1962>

Quando vi pela primeira vez uma gravura japonesa e uma pintura de Vincent Van Gogh lado a lado, tive um vislumbre da arte e do meu interesse entrelaçando. Ele, muito antes, já havia encontrado no leste asiático uma âncora, algo para ser inspirado. Por um tempo, eu pensei que as relações poderiam ser parecidas, cheguei a produzir obras que imitavam (pobrementemente) meios tradicionais chineses de impressão na xilogravura, a pintar sobre artes marciais pelos filmes que eu gostava de gêneros muito clássicos e tradicionais chineses como *Xianxia*¹ e *Wuxia*². Obviamente, China e Japão são bastante distintos. Nunca

¹ No chinês tradicional: 仙俠 Xiān significa imortal ou ser celestial e Xiá herói. Pode-se traduzir como Guerreiros Imortais ou Heróis Imortais. Trata-se de um gênero de fantasia chinesa inspirado por mitologia chinesa, budismo, taoísmo, religiões populares, medicina tradicional chinesa e artes marciais chinesas.

² No chinês tradicional: 武俠 Wǔ significa militar ou armado e Xiá héroi. Trata-se de um gênero de fantasia chinesa em que se apresenta técnicas de Kung-fu e lutas com espadas.

foi uma tentativa de compará-los ou de dizer que eram a mesma coisa, porque é óbvio que não são. Mas a ideia era a mesma, produzir utilizando como fonte temática ou técnica a China em confluência com paisagens brasileiras e outras brasilidades, da mesma forma que Van Gogh um dia se inspirou nas gravuras japonesas e reinventou imagens únicas do seu cotidiano através da pintura. Foi um período experimental importante e marca o início daquilo que estou pintando hoje, mesmo que visualmente seja muito diferente.

O pré-projeto desse trabalho de conclusão de curso inicialmente propunha algo parecido, já que minha produção na época buscava unir duas partes importantíssimas de ambas as culturas. Eu queria traçar um paralelo entre duas artes marciais: Kung Fu e Capoeira. Eu planejava abordar a semelhança entre as duas e também as diferenças, mas a ideia caiu por terra após um tempo. Mesmo com o grande respeito e apreço pelas artes marciais, reconheço que nenhuma das citadas fez parte da minha vivência e por isso eu decidi não representá-las por enquanto. Eu fiz alterações no projeto até que se tornasse algo conectado com minha rotina, de alguma forma.

Então, diferentemente de Van Gogh, a minha produção atual não bebe diretamente de fontes tão tradicionais de cultura chinesa. Ainda que exista *Chinoiserie* como existe *Japonaiserie*, reconheço que muito da arte tradicional chinesa é bastante naturalista (Yang, 2015, p. 87-90) e minha vida é quase completamente urbana. Eu me dediquei então a traçar paralelos com contemporaneidades chinesas, uma delas foi justamente a filmografia de Wong Kar-wai. A solitude, a liquidez, a caoticidade urbana e tudo isso fazia parte da minha vida e ao mesmo tempo de seus filmes *Amores Expressos* (1994) e *Anjos Caídos* (1995). Este cineasta, particularmente, já apresenta uma visão da Hong Kong globalizada que se aproxima muito mais daquilo que vivenciamos em Goiânia, mesmo que em menor escala, ainda é significativa. Não há paisagens estáticas para admirar, mas o caótico movimento metropolitano vivenciado por aqueles que vivem nas selvas de concreto, que é o que me interessa agora. Foi por isso que se tornou uma referência ao meu trabalho, pois eu pensava Goiânia de forma parecida e também queria pensar em China e Hong Kong desde Goiânia.

Eu só finalmente senti que estava deixando minha alma nas obras quando consegui achar o denominador comum entre as duas coisas. Todas as coisas que eu amo e odeio, as que cresceram comigo ao lado das coisas que cresceram em mim. O ano de 2021, com o cessar da quarentena e o retorno às aulas presenciais acabou sendo uma jornada de redescoberta de Goiânia. Foram quase dois anos sem pisar na região central e mais movimentada da cidade. Quando isso voltou a acontecer, todos os lugares pareciam diferentes e eu notava mais detalhes do que antes. Talvez um dia, eu vá para longe de tudo isso. Mas,

agora, meus pés estão fincados em Goiânia, onde nasci e cresci. Ainda que meus pensamentos muitas vezes estejam em outros lugares, a minha imaginação sempre quer colocar pedaços da minha casa neles. E é sobre isso que pinto.

1.1. A hora do chá

Existe uma lenda que diz que o imperador Shen-Nung adormeceu na sombra de uma árvore enquanto fervia água para beber. Quando acorda e toma um gole da água quente, percebe que tinha um sabor diferente e então nota que durante seu repouso, folhas caíram nela. Essa é a história popular da criação do chá na China e foi onde começou minha reflexão sobre o quanto este país tem feito parte da vida e da história brasileira desde o Brasil colônia. A minha jornada começou no questionamento de como o chá havia se tornado parte da vida e do cotidiano brasileiro, um país tão naturalmente sinofóbico e o preconceito tendo sido ainda mais acentuado pelo período pandêmico. Existe no olhar brasileiro sobre a China certo fetichismo e misticismo, da mesma forma que existe o preconceito e isso por si mesmo já me intrigava.

Encontrei informações relevantes sobre o assunto logo no primeiro capítulo de uma tese de doutorado intitulada "A China no Brasil: Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na arte e na sociedade do Brasil" (Leite, 1994). É também a partir do título e das ideias presentes no texto que surge o título deste capítulo. Segundo Leite, muitos costumes brasileiros como sendo parte de uma cadeia de eventos iniciados durante a colonização portuguesa, mas que seu ponto de partida é a China.

Nesse início de década, ao mesmo tempo fim do século e fim do milênio, o nome "China" a de por certo suscitar noções confusas e de significar de qualquer modo bem pouco a 99,99% de nós brasileiros, acostumados a associá-lo a um país nebuloso, tão desconhecido e quase tão remoto quanto Marte ou a Lua. No entanto, nos cerca de 300 anos que vão dos começos da colonização independência, durante os quais passou do estágio edênico em que se encontram em 1500 os portugueses para se transformar – não sem traumas de paraíso perdido – em país ocidental, foi o Brasil sucessivamente algum relativamente aborígine, lusitano – e por conseqüente também semita já negro –, africano, indiano e... chinês: chinês em numerosos usos e costumes, em certos requintes da civilização material, em pormenores de

arquitetura e artísticos; chinês em muitas formas de pensar, viver, agir e sentir. (Leite, 1994, p. 12)

Dentre estas vivências estão vários fazeres que são hoje, para nós, lidados muito comumente porque já se enraizaram na cultura. Por exemplo, mais adiante, o autor aborda o costume de misturar o café ao leite, o de soltar pipa, usar leques, ter unhas longas ou “jogar no bicho”. Na arquitetura, menciona os quiosques e pagodes. Tudo pode ser atribuído como uma influência chinesa direta ou terceirizada aqui presentes. Alguns, porém, podem ser incomuns, mas ainda de alguma forma resistem.

Quase em tempo simultâneo a estar lendo o texto de Leite, também assisti *Besouro* (2009) e *Era Uma Vez na China* (1991). Ambos são filmes biográficos, baseados em fatos reais e relacionados a artes marciais. O primeiro apresenta a história de Manoel Henrique Pereira ou Besouro Mangangá (1895-1924) e o segundo é a história de Wong Fei Hung (1847-1924), ambos mestres contemporâneos em suas respectivas regiões e modalidades. Besouro, no filme e na história, se estabelece como protetor e agente defensivo aos senhores de engenho, figura até hoje honrada e saudada em rodas de capoeira. Fei Hung tem papel parecido na China, se estabelecendo como defensor do costume e honra chinesa, chegando ao ponto de ter uma de suas academias de Kung Fu incendiadas na defesa de seus ideais. Pensei muito sobre a relação entre o Brasil e outras colônias portuguesas através dos filmes e foi de onde surgiu uma primeira série de pinturas que buscava estabelecer diálogos entre ambas as coisas, encontrar semelhanças e diferenças.

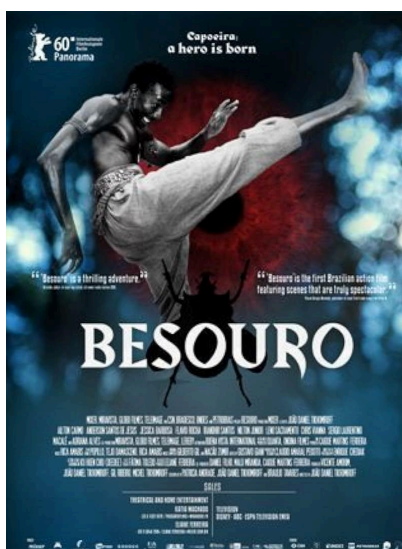


Figura 3 – Pôster de *Besouro* (2009). Fonte: IMDb

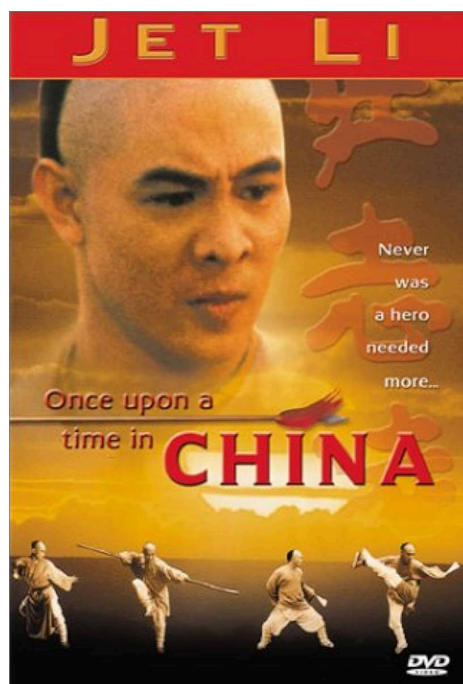


Figura 4 – Pôster de *Era uma Vez na China* (1991), em inglês. Fonte: IMDb

https://www.imdb.com/title/tt0103285/mediaviewer/rm2366478592/?ref=ttmi_mi_all_2

Como expliquei anteriormente, eu tinha uma referência específica que era bastante tradicional, que eram filmes wuxia e xianxia e queria de alguma forma inserir esses elementos no meu trabalho, sem deixar de falar do nacional, da minha vivência como uma pessoa preta de pele clara e de alguma forma encontrar nesses gostos pessoais, algum combustível e possíveis associações para criar algo que fosse transparecer visualmente esse embate interno entre o consumo do nacional e o chinês. A partir dessas informações, comecei algumas experimentações com capoeira e kung fu. Buscando pensar esta relação, um embate de forma prática, quase literal, através do movimento.

Eu pintava tentando expor um conflito interno causado pela imersão na cultura chinesa na tentativa de me reencontrar através daquelas imagens. Encontrei ironias não intencionais no trabalho ao lidar com questionamentos sobre minha prática de ambas as artes marciais. Naturalmente, comecei um processo de autocrítica e questionamento sobre o motivo de ter escolhido coisas tão tradicionais que nunca fizeram parte do meu cotidiano, ao invés de o exprimir como era. Deixei de pensar em Brasil colônia, para pensar em onde essas interferências são realmente significativas para mim, para pessoas da minha geração e que enfrentam uma rotina parecida com a minha.



Figura 5 – Nick Costa. *Besouro e Tigre se enfrentam no Cerrado*, 2023. Aquarela sobre tela.

Fonte: Acervo Pessoal

1.2. Interferências

As noções de China nos anos 90, provavelmente também eram diferentes das atuais. A China se tornou uma potência mundial, o Brasil hoje tem cerca de 300 mil imigrantes chineses, a porcentagem de brasileiros que importam produtos duráveis chineses no Brasil é de 51%, de acordo com a FGV (Luna, 2024). Isso já faz parte do meu cotidiano como um jovem periférico de classe média. Não sei se é mais um país que suscita noções confusas, mas sua cultura naturalmente instiga curiosidade ou o preconceito no meu entorno.

Nas metrópoles, ou pelo menos na goianiense, as populações e a imagem popular da China são outras. Há quem lembre da China como um país cruelmente socialista, ditatorial, de costumes estranhos, do difusor da pandemia, das lojas de produtos de qualidade duvidosa, de malandros ou oportunistas. Também há quem só lembre da China quando se trata de coisas muito tradicionais, antiquadas e que não representam um país de dimensões continentais e com mais de 50 etnias. A sinofobia não é uma pauta amplamente discutida pelo goiano, nem tem muitas informações sobre ou problematiza com frequência, apesar das outras facetas chinesas potencializadas pelo ressurgimento econômico, cultural e tecnológico do país. A

presença chinesa em Goiânia não é tão grande quanto nas maiores cidades do país, como São Paulo, por exemplo, que tem um bairro só para imigrantes e descendentes de pessoas do leste e sudeste asiático, o que inclui uma quantidade mais extensa de chineses.

Não vi motivos para pintar sobre um embate, mas sim comecei a imaginar as possibilidades estéticas na junção das duas coisas, ao mesmo tempo que refletia sobre a atual presença chinesa no Brasil, primeiramente em um sentido mais generalizado e as possibilidades disso para a arte. Pensei no que esses ecos chineses me afetavam, como um jovem nascido nos anos 2000, como periférico e parte da classe média. Em uma vida em que cresci ouvindo sobre “loja do chinês”, sobre sites como AliExpress, Wish, Shopee, SheIn e Temu, sobre eletrônicos Xiaomi, Huawei e Lenovo. Muitos brasileiros só têm acesso a consumo graças a este tipo de presença. Minhas próprias tintas são de marca brasileira, mas fabricadas na China. Meu celular é Xiaomi e no momento em que digito isso acabo de comprar um belíssimo cinto na SheIn. A presença chinesa no Brasil atual afeta completamente o estilo de vida do brasileiro classe média e de jovens periféricos como eu.

Todo conteúdo até agora identificado é denso e eu teria que me alongar mais do que gostaria falando sobre as particularidades de um tema tão amplo, que abrange tantas partes do Brasil e vai muito além de Goiânia, esbarra na sociologia, na história brasileira, na antropologia, na política e na geopolítica. Este é um trabalho de Arte e acho que merecem mais atenção questões de criação e processos artísticos. Penso em explorar outras complexidades no futuro, se eu tiver a oportunidade. Agora eu gostaria de pensar nesse tipo de presença chinesa em Goiânia, no meu cotidiano, ao invés de pensar em todo o território nacional.

Por isso achei que Wong Kar-Wai seria uma melhor referência para o trabalho artístico que gostaria de produzir, considerando sua visão única sobre a cidade de Hong Kong, sua apresentação de todos os aspectos extremamente globalizados e interculturais da cidade (que se dá devido a uma diferenciação histórica entre Hong Kong e China) e que é o que me interessa ao invés de falar especificamente sobre questões antropológicas ou econômicas. É interessante ressaltar que Wong Kar-Wai nasceu em Xangai e se mudou para Hong Kong jovem, sua visão portanto não é nada tradicional e pode-se dizer até que é estrangeira. A temática dos filmes também me atrai como um todo por facilmente me identificar com as narrativas.

Amores Expressos aborda duas histórias diferentes, mas que se cruzam. O filme inicia com o Policial 233 em perseguição tanto por uma mulher misteriosa de peruca loira, quanto pelo amor. Após um término difícil, o personagem divaga sobre questões internas,

sobre seu amor frustrado e solidão. Por outro lado, há uma garçonete e balconista que faz de tudo para conseguir a atenção e afeto de outro policial que acaba de ser dispensado por uma aeromoça. Em *Anjos Caídos* um assassino de aluguel lida com sua vida solitária, desilusões da vida e tensões românticas com sua parceira de crime quando conhece um rapaz mudo que rouba lojas, se passa pelos proprietários e vive seu primeiro caso de amor. A paisagem do filme é bastante noturna, dando ênfase nas pessoas que “habitam” a noite.

As histórias podem não parecer especiais ou emocionantes, mas o que torna estes filmes únicos é sua comunicação visual, as divagações e reflexões profundas dessas personalidades excêntricas. A direção e visão única de Wong Kar-Wai torna os filmes uma experiência sensorial rica.

A cultura tem grande impacto em suas obras e pode-se dizer que ele é facilmente exportável para o ocidente justamente por esta falta de tradicionalismos. Diferentemente de gêneros como *Wuxia* e *Xianxia* que se baseiam quase inteiramente nas particularidades da cultura chinesa, ele parte de referências interculturais, onde uma pessoa ocidental pode facilmente se identificar, já que de alguma forma o ocidente está inserido ali. Me senti mais profundamente ligado a estas questões, me identificando com sua visão nostálgica do cotidiano metropolitano multicultural em *Amores Expressos* e *Anjos Caídos*, e partindo dele para pensar o meu entorno.

2. Comunicando sentimentos e DESLOCAMENTOS

No meu processo de reflexão sobre este trabalho, percebo que muitas das problemáticas que encontrei no meu caminho são na verdade fruto de uma dificuldade comunicativa e social minha. Falar e escrever é muito exaustivo, exige uma quantidade enorme de energia e é sempre muito mais do que eu pareço ter. Costumo ser introvertido e não falo de coisas que julgo desnecessárias, como minhas próprias necessidades ou gostos. Eu acho que muito desse trabalho está centrado em mim, o que acaba sendo desafiador. Tenho meus vícios em ser sucinto e por isso frequentemente me pego não falando sobre o que realmente importa. Eu estou em uma eterna busca por aprender outros idiomas, também na intenção de ser habilitado a me comunicar melhor.

Entretanto me debrucei sobre novos problemas graças a tentativa de aprender estes novos idiomas. Às vezes é difícil lembrar de palavras ou criar sínteses em português, é inevitável misturar a língua mãe com as outras que tenho aprendido. Algumas palavras caem no esquecimento e são substituídas por um termo em inglês ou às vezes ando pelo centro da cidade e encontro letrados com caracteres desconhecidos. Estes são gatilhos para alguma produção artística. Entretanto, ainda é um sentimento paradoxal e atordoante: querer abraçar o mundo, aprender tudo, ser tudo, mas temer perder a originalidade, a identidade e o que nos faz únicos neste processo.

Eu penso que acabei escolhendo a China inicialmente como inspiração porque é o mais longe que posso estar e se posso ir tão longe sem me perder, é porque não acontecerá. Mas não preciso atravessar o Atlântico, nem o Pacífico e mais alguns continentes para encontrá-la. Se eu andar o suficiente por Goiânia, posso encontrar os mais charmosos lugares, tão interculturais, tão mestiços, tão pardos, tão vira-latas que se pareçam comigo. Porque mesmo goianienses, carregam essa potencialidade onde uma infinidade de coisas podem acontecer e se encontrar.

Acontece que Arte também é um meio de comunicação, onde uma infinidade de eventos podem acontecer e com o devido estudo está se tornando para mim uma forma mais eficiente de expressão. Muito do que eu tenho a dizer e sentir pode ser colocado no papel com tinta. Não consigo me expressar bem por palavras, então eu espero que a materialidade, a cor e todas as figuras que eu coloco no papel o façam por mim. Olhares, pinceladas e expressões faciais são os modos mais eficazes de comunicação neste momento.

Eu posso pintar e mostrar um deslocamento espacial, uma figura deslocada de tudo o que a circunda, onde tudo é estrangeiro ou nada lhe pertence. Provavelmente porque me sinto deslocado ou que também não pertencço a nada. Para mim, imaginar uma pintura com todos esses elementos é mais simples que estar escrevendo esse texto explicando esse processo inconsciente, mas também compreendo através das palavras de Sandra Rey (2012) que isso faz parte do desafio de uma Pesquisa em Arte e que estou neste momento procurando respostas, palavras, explicações em meu próprio processo artístico.

Tenho me apoiado em duas coisas para criar um universo onde pretendo mostrar este sentimento, a primeira é a filmografia de Wong Kar-Wai e a segunda é o guache. Associando os dois, não sinto que necessariamente já estou obtendo respostas, mas levantando hipóteses que talvez possam resultar em pinturas que finalmente traduzirão minha personalidade. Para falar da hipótese, tenho que primeiramente abordar de onde ela surge e é por isso que associo os filmes posteriormente apresentados à materialidade do guache.

2.1. Wong Kar-Wai e a interculturalidade

Senti uma profunda conexão com alguns personagens de Wong Kar-Wai. Inicialmente, eu não entendi os motivos disso, mas estava profundamente tocado pela fotografia de seus filmes. Ao ler “Sobre o Corpo e Seu Espaço: Trânsito e Interculturalidade em Amores Expressos” de Luana Cabral (2015), encontrei reflexões e argumentos perfeitamente plausíveis e identifiquei o que nestes personagens eram tão parecidos comigo.

Nos anos 90, muito antes de mim, Kar-Wai havia notado a multiculturalidade de Hong Kong e acaba explorando isso visualmente em seus filmes, através dos letreiros do McDonald's, os enlatados perto da data de vencimento ou o próprio personagem de Takeshi Kaneshiro, o policial 233, poliglota que se comunica em três línguas ou mais no filme e mesmo assim não consegue se expressar completamente. Os personagens têm essa necessidade de estar o tempo todo em movimento por essa cidade intercultural, sonhando com uma vida melhor, idealizada em outros países. Outro exemplo disso é a personagem interpretada por Faye Wong, uma garçonete que escuta repetidamente California Dreamin', música da banda The Mamas and The Papas. Ela própria sonha em estar na Califórnia, naquela visão vendida pela música, de uma cidade sempre segura e quente, mas muito longe da casa dela.

Seja o policial 233, que sente a necessidade de correr para se livrar da “água do corpo” e, conseqüentemente, não mais ter condições físicas de chorar, ou seja a traficante de heroína que passa o dia dando voltas pela cidade até ficar com os pés calejados. Seja a aeromoça namorada do policial 633, que ganha a vida viajando pelo mundo, ou a atendente de lanchonete fast-food que planeja suas viagens e sonha com elas, estando sempre com o pensamento em um outro lugar que não aquele em que ela se encontra fisicamente. Em *Amores Expressos*, todos os personagens querem ou precisam se mover. (Cabral, 2015, s/p.)

O trecho acima fala sobre a crescente necessidade dos personagens de estarem se movimentando ou simplesmente seus sonhos de estarem longe, como se isso significasse algum tipo de liberdade. Eu percebo que me identifiquei justamente por isso. A liberdade de estar em uma nação estranha, onde ninguém me conhecia, me trazia a mesma sensação de que eu poderia ser uma folha em branco, pronta para ser pintada com novas cores ou assumir as que já me pertenciam. Eu não seria a decepção de ninguém, nem o motivo da vergonha de ninguém além da minha própria. Eu não sei se essa realmente seria uma realidade se eu fosse tão longe, como para a China, mas o que prevejo realmente é que sentiria falta até de quem decepcionei e provavelmente sentiria os choques culturais que me fariam querer estar em casa de novo, onde tudo é familiar. Ironicamente, a personagem de Faye Wong se arrepende de ter partido no filme e acaba voltando para casa após se decepcionar na Califórnia. Eu sei que muito do que eu sinto são idealizações, são coisas que me foram vendidas e nenhum lugar será completamente como um sonho. Porém, com arte eu sinto que posso criar um espaço onde tudo me pertence, onde estou em cada detalhe e este sonho parece concretizado.



Figura 6 – Frames retirados de *Amores Expressos*.

Quando se trata de *Anjos Caídos* (1995), acredito que os personagens não são para me identificar, mas suas características são algo que almejo. Ao contrário dos personagens de *Amores Expressos*, os daqui são pessoas completamente livres de amarras sociais, são assassinos de aluguel, charlatões, criminosos apaixonados e aventureiros mentirosos com mentes inquietas. Nesse filme, tenho menos com o que me identificar e mais a admirar nestes personagens fictícios porque muitos deles têm coragem para serem autênticos, mesmo que signifique uma vida marginal. Todos são habitantes da noite e preferem, muitas vezes, a morte do que a perda da própria identidade. São provavelmente pessoas que não temeriam abandonar seus lares e enfrentar o desafio de ser estrangeiro em outro país, se aquilo significasse liberdade.



Figura 7 – Frames retirados de *Anjos Caídos*.

Quando eu ando por grandes centros metropolitanos ou regiões de grande trânsito em Goiânia, tudo o que penso são em formas de guardar aquelas imagens comigo, às vezes tiro fotos com o telefone para registrar momentos do cotidiano urbano ou só os admiro em silêncio. Eu guardo para criar algo em cima depois, para me acrescentar na imagem, para alterar cores e paisagens até que se pareça comigo.

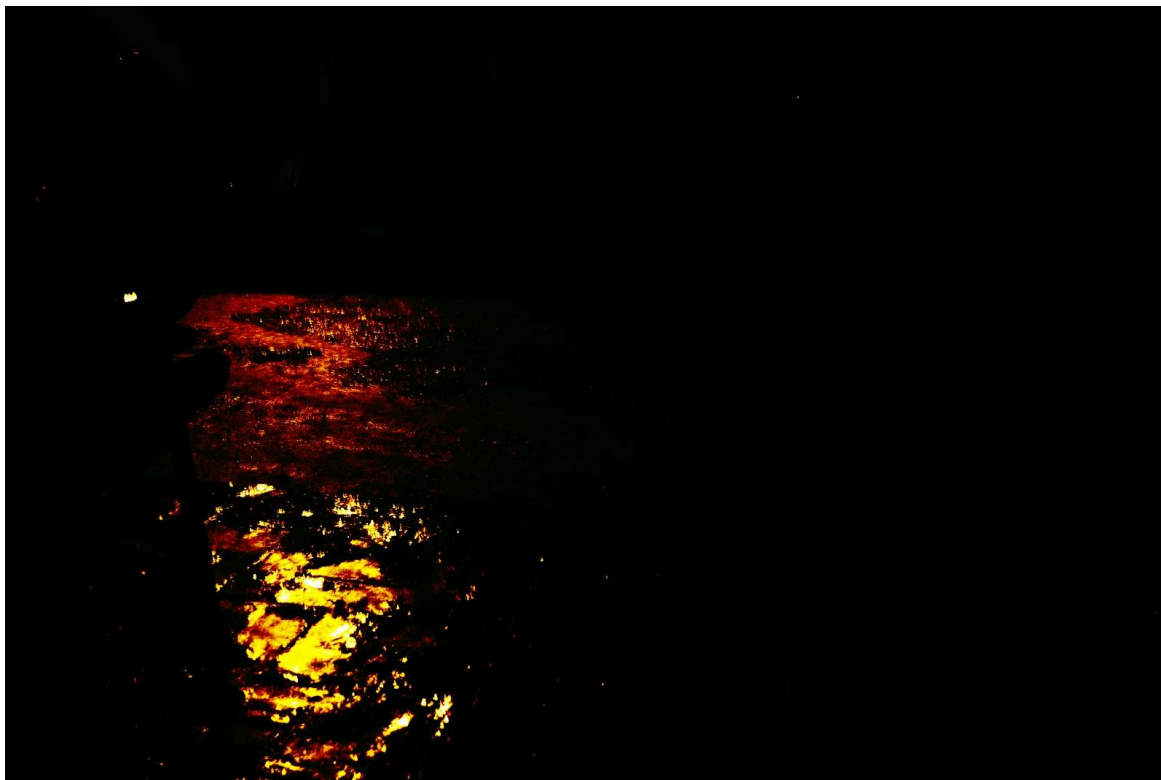
Penso bastante sobre a arquitetura desses lugares, a frieza e a falta de cor do concreto ou do calor escaldante asfalto de uma grande avenida em um dia de sol. Mas quando eu ando de noite pelas mesmas ruas, o asfalto é refletido pela luz amarelada dos postes. O cinza, o bege, o preto e todas essas cores neutras são pintadas por essa cor quente.

Essa dinâmica das luzes me fez realizar uma série de fotografias que visava registrá-la, especialmente em tempos de muita chuva em Goiânia, quando os reflexos são bem mais nítidos. Percebo que desde este trabalho, houve uma crescente influência de Wong Kar-Wai nas minhas obras, no meu pensar poético e imagético. Todas essas caminhadas na

noite se tornaram nostálgicas, o centro não pareceu mais o mesmo para mim. Essas sensações características que regem toda a trama de Wong Kar-Wai, da qual fala Tarín, também agora tem estado presente nas minhas pinceladas.

El cine de Wong Kar-wai se corresponde con un “todo en progresión”, que no permite la individualización de cada una de sus obras. Hay, como hemos ido viendo, algunos aspectos que rigen sus tramas argumentales: el amor-deseo insatisfecho, en todos sus matices y niveles, y la representación nostálgica del entorno urbano (Hong Kong, para ser más exacto, si exceptuamos *Ashes of time*). (Tarín, 2008, p. 63)

Preciso ser honesto e admitir que não sei exatamente pelo que me sinto nostálgico, do que tenho saudade, mas não há outra palavra para remeter este sentimento. Sinto que estou me antecipando e sentindo coisas absurdas, como saudade do meu próprio presente, em antecipação a todas as coisas que ainda estão por acontecer. Me alterno entre sentir esperança e medo de muitas coisas: de ser artista, da reação das pessoas, de mudar, de me perder e de todas as coisas ruins que podem acontecer comigo ou ao mundo antes que eu possa realizar qualquer sonho. Entretanto, me inspiro tanto nos filmes de Wong Kar-Wai quanto em grandes artistas da história da arte para continuar neste processo, pois como diz o próprio Van Gogh (1997, p. 129): “Enfim, conservemos a coragem e não desesperemos.”



Figuras 8 e 9 – Recorte de Ensaio Fotográfico produzido durante a disciplina *Fotografia na Arte*, ministrada pelo professor Odinaldo da Costa. Fonte: Acervo Pessoal

2.2. Versatilidade do guache: O intermediário

Quando entro em discussões sobre os materiais que uso na pintura, encontro duas possíveis reações ou comentários. O primeiro deles é a indagação se na verdade o que estou utilizando não é aquarela. A segunda é por que não utilizo acrílica. São questões que eu refleti um pouco e encontrei, não respostas concretas, mas uma série de informações que me fazem preferir chamar a técnica utilizada de guache e justificativas para não usar acrílica nesta etapa do processo. Me baseio basicamente em três autores para falar sobre esta materialidade que são Patricia Monahan (1993), Martha Werneck (2009) e L. Isaboy (1968). A maioria se foca mais na técnica do que nos possíveis usos poéticos do guache na arte, mas a partir desses autores encontrei novas informações sobre o material que acabaram por integrar o trabalho que vinha realizando.

A primeira coisa que precisa ser esclarecida é o fato de que a aquarela e o guache normalmente têm a mesma composição. Consistem basicamente de água, uma goma natural (normalmente goma arábica) e pigmento. Significa que o guache não precisa ser usado diretamente do tubo, mas é uma tinta que tem uma transparência com o devido preparo, ao mesmo tempo que pode ser opaca. Quanto mais água, mais transparência. Aquarela também pode ser usada da mesma forma, entretanto a diferença está na aplicação do branco. Quando se acrescenta tinta branca à aquarela, ela perde sua transparência, torna-se opaca e portanto transforma-se em guache. Ou seja, há técnicas para transformar guache em aquarela e aquarela em guache. Alguns autores até simplesmente chamam o guache de aquarela opaca.

A segunda reação é, para mim, mais complexa de se discorrer. Guache é considerado uma tinta inferior por alguns artistas, no sentido de que há certo preconceito quando se trata dessa técnica. Talvez seja porque é comumente utilizada por crianças durante a alfabetização, por ilustradores, cenógrafos e por pintores iniciantes, fazendo-a ser associada com outras áreas que não são artes plásticas.

A razão disso para mim é clara. Guache é uma técnica gentil. A tinta é suave e leve no pincel e no papel. Não é incontrolável como aquarela, mas algo que pode permitir que eventuais erros sejam corrigidos posteriormente, sem deixar grandes marcas no papel ou tela. Isso é possível porque na aquarela trabalha-se tradicionalmente dos tons mais claros aos mais escuros e no guache não existe nada “tradicional”. Fica a critério do artista decidir se ele trabalhará partindo dos tons claros ou dos escuros. É fácil começar uma pintura sabendo que possíveis erros não serão irreparáveis, como na aquarela em que toda a profundidade do

desenho será definida por um controle minucioso da sua transparência, de deixar às vezes pontos minúsculos do papel em branco em razão de alguns efeitos de luz e sombra.

Entretanto, não é a gentileza do guache que fez com que eu escolhesse para produzir as séries posteriormente apresentadas. Eu estava habituado a aquarela, a mancha pura e a usar grandes quantidades de água no papel antes. Guache não foi meu ponto de partida e nem o escolhi por ser um material fácil. Vi na verdade uma oportunidade de colocar diversos efeitos em uma só pintura e uma paleta com cores mais vivas. Outro motivo para que o guache seja popular entre iniciantes é justamente por poder emular diversos efeitos de aquarela, acrílica e até mesmo óleo. É, para muitos artistas, um intermediário entre todas as técnicas. Alguns pintores recomendam que antes de se pintar com óleo, por exemplo, se pinte com guache por essas características e também pela sua secagem mais rápida em comparação com a outra técnica. Vi que poderia ser um material que era tudo ou nada ao mesmo tempo, pela leveza de sua consistência, por ser imediato e momentâneo, facilmente cotidiano e líquido.

Admito que não queria trabalhar com tintas acrílicas, justamente porque são pesadas, difíceis de carregar e de lidar enquanto estou nas ruas, me movimentando na rotina cansativa pela cidade. Minha paleta de guache, por outro lado, é facilmente carregada comigo a ponto de termos nos tornado íntimos, junto com meu surrado caderno de artista que é seu fiel companheiro. Além de tudo, não acho que eu conseguiria transparecer o mesmo efeito de desvanecimento das cores, que é causado justamente pela leve transparência da tinta (ainda que não tão transparente quanto aquarela) e o que faz a pintura para mim parecer nostálgica, como as memórias que não são nítidas.

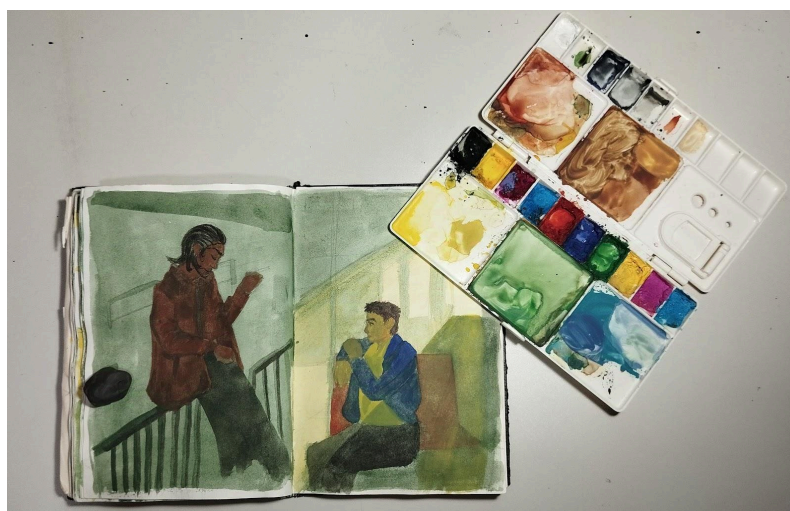


Figura 10 – Caderno de artista e paleta. Fonte: Acervo Pessoal.

Eu disse muito sobre coragem no tópico anterior e vejo que guache também é bastante usada por aqueles que têm coragem de experimentar. Henri Matisse, Hélio Oiticica, Paul Klee e muitos outros aventureiros na História da Arte já usaram a técnica. Claro, cada um de sua própria forma e todas diferentes umas das outras e também da minha, mas reconheço a importância delas. Durante minha pesquisa, tive dificuldade em encontrar textos que exploravam a materialidade do guache em seu sentido poético. Pelos mesmos motivos de antes, acredito. É um material facilmente confundido com a aquarela, atribuído aos iniciantes ou a uma simples aventura. Mas para mim, o guache, justamente por ser o intermediário, é interessante. Por essa possibilidade de ser tudo ou nada ao mesmo tempo e muitas coisas poderem surgir do nada.



Figura 11 – Henri Matisse. *Memórias de Oceania*, 1953. Guache sobre papel, cortado e colado e carvão no papel montado em tela. 284,4x286,4cm. Fonte: Museum of Modern Art (MoMA) <https://www.moma.org/collection/works/79187>

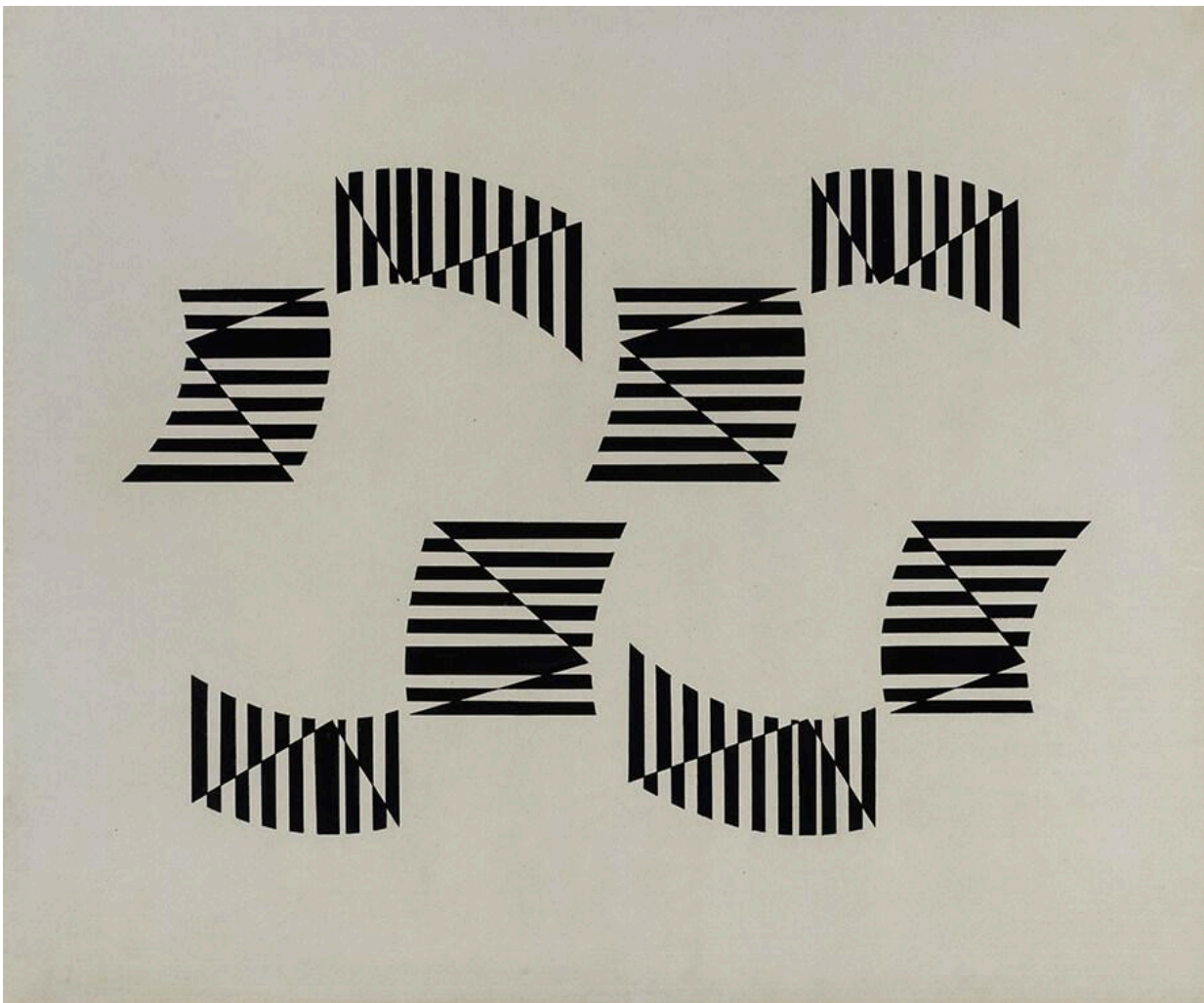


Figura 12 – Hélio Oiticica. *Meta esquema*, 1957. Guache sobre cartão. Fonte: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro(MaM Rio)

<https://mam.rio/obras-de-arte/metaesquemas-1956-1958/>

3. FICÇÕES HONGKONGOIANAS

Nos capítulos anteriores abordei a minha realidade ou a do mundo e como uso isso para a criação artística. Agora, devo destrinchar aqui o motivo de eu utilizar o termo “ficção”, não só neste capítulo, mas também no título deste trabalho antes de apresentar de fato as produções, minhas ficções.

Produzo com base em minha imaginação, em imagens da internet ou do cotidiano. Tudo isso é real, qualquer pessoa pode encontrar. O que não podem ver é justamente o que me interessa, que é este processo de observar, absorver, combinar, associar e por fim criar. Em qualquer processo criativo existem todas essas etapas e o livro *Criatividade e Processos de Criação* da artista e professora Fayga Ostrower me ajudou a compreender muito sobre este aspecto.

A artista afirma que para criar, relacionamos todos os eventos e objetos em nossas vidas, posicionamos estas coisas em ordem para criar algo novo e em nossas imaginações estão nossos sonhos, desejos, medos, expectativas e aspirações.

As associações nos levam para o mundo da fantasia (não necessariamente a ser identificado com devaneios ou com o fantástico). Geram o nosso mundo de imaginação. Geram um mundo experimental de um pensar e agir em hipóteses — do que seria possível, se nem sempre provável. O que dá amplitude é a imaginação é essa nossa capacidade de perfazer uma série de atuações, associar objetos e eventos, poder manipulá-los tudo mentalmente, sem precisar de sua presença física. (Ostrower, 2014, p. 20)

A fantasia ou ficção é constantemente utilizada em trabalhos artísticos para expressar a vivência, os sentimentos dos artistas e confabular através da arte. Através dos olhares para a realidade, cria-se novos mundos através das imagens do cotidiano. Não se trata necessariamente de coisas falaciosas ou mentiras, mas de criar mundos usando a realidade como base ou a exagerando. Tudo é hipotético, experimental e parte de um “e se?”, mas sempre será baseado na realidade, por mais engenhosa que seja a invenção. Isto é ficção.

Todo o meu trabalho parte da associação de duas coisas, a Hong Kong dos filmes de Wong Kar-Wai e a Goiânia que eu conheço. Os personagens de Wong Kar-Wai, eu e as

peças que conheci vivendo aqui. Suas frustrações, medos e também os meus. Todas essas coisas que não são comumente associadas, acabam por criar um mundo ficcional que é meu próprio.

Para ficcionalizar, trabalho em duas etapas que abordarei nos tópicos a seguir, onde responderei os questionamentos: onde esses mundos se cruzam na realidade? Onde esses mundos se cruzam apenas na minha imaginação? Como eu utilizo os filmes para gerar as associações? Também apresento produções presentes no meu caderno de artista e seus desdobramentos.

3.1 Ver e copiar

Para ficar acostumado com as formas, testar cores e composições, tendo a primeiro copiar as imagens como vejo no meu caderno de artista. Sejam virtuais ou partindo de um estudo de observação em um espaço real, nas minhas andanças por Goiânia. Acredito que isso tanto confunde quanto enriquece o processo. Estou constantemente em contato com imagens ao redor do mundo, especialmente através do Pinterest e do Instagram, onde se vê milhares de fotos em poucos minutos. É um processo de ver e copiar, nos primeiros momentos, apenas para depois se tornar algo novo. Para criar, eu combino o que é para mim virtual e o que é real. O que eu vejo nas redes sociais ou mais especialmente nos filmes de Kar-Wai ao que vejo no dia a dia.

Há também momentos em que parto de uma observação do espaço e então crio. O primeiro vislumbre que eu vi de um trabalho que misturava China e Brasil ocorreu quando visitei o centro de Goiânia, no período em que as pessoas eram aos poucos vacinadas e o auge da pandemia já havia passado. Era mais seguro sair de casa, com a devida proteção de máscaras de higiene. Passeando pela Avenida Goiás, encontrei os dizeres 景翔百货 que em *pinyin*³ lê-se *Jǐng Xiáng Bǎihuò* e se traduz como Loja de Utilidades Jingxiang. Na época em que visitei, achei curioso como o letreiro da loja se destacava justamente por optar incluir os caracteres em outra língua. Não muito antes, eu tinha descoberto que em algumas capitais ao redor do mundo isso é estritamente proibido, que pessoas estrangeiras não podem ter letreiros em suas próprias línguas mesmo que o produto a venda em seu comércio tenha uma estrita relação com suas culturas. A preocupação em perder a identidade graças a vida em um mundo

³ É a romanização, uma transcrição fonética e alfabética de caracteres chineses.

totalmente conectado pelas redes sociais ou em uma metrópole multicultural não é um problema exclusivamente meu e nem apenas goianiense. É na verdade um problema geral a crença de que valores tradicionais de cultura podem se perder quando consumimos produtos de outros países. Acredito que esse sentimento foi a primeira coisa que tentei captar, após ver as questões que me circundavam.



Figura 13 – Nick Costa. *Sem título* (Recorte de Caderno de Artista). 2024. Guache sobre papel. Fonte: Acervo Pessoal

Mais tarde me foi sugerido que eu revisitasse esses lugares, tanto em memória quanto em corpo. Eu então pintei minha impressão desses lugares e os copiei também através do Google Maps quando não podia sair de casa. Agora, visitando o mesmo lugar no ano de 2024, acabei por associar o letreiro aos filmes de Wong Kar-Wai e pensar em Goiânia também como uma metrópole multicultural, embora regional.

Também iniciei uma pesquisa por frames dos filmes de Kar-Wai, especialmente aqueles que escancaravam a multiculturalidade de Hong Kong, que apresentei no capítulo anterior, além de outros que copiava. Eu sempre pensava no que era possível ou impossível de se interferir em uma imagem já pronta e percebo que a primeira coisa em que interiro são as cores nesse processo de transformar uma fotografia em pintura. Assim como Henri Matisse (2007), não me baseio em teorias científicas e sim nos meus próprios sentimentos. Então, mesmo quando copio não é totalmente fiel à realidade, já que utilizo cores totalmente

fantasiosas. Entretanto, tudo se baseia na realidade ou é a realidade através da minha ótica, portanto, trata-se de ficção.

Anteriormente, no 27º Salão Anapolino de Arte, houve uma obra que também contribuiu e serviu de referência para este trabalho. Trata-se de *O Naípe de Ouros* de Luciana Ohira e Sérgio Bonilha. A obra era uma instalação onde haviam dois projetores, um projetava luz vermelha em formato de losango e outro luz verde, uma por cima da outra. As cores ao se misturarem criavam um losango amarelo. Sobre o verde, o amarelo da projeção fazia alusão à bandeira nacional. Entretanto, caso um objeto ou alguém fosse posicionado na frente do projetor de luz verde, o losango se tornava novamente vermelho, adicionando ao símbolo nacional uma sombra vermelha. O trabalho me fez pensar seriamente sobre as cores que eu colocava no papel e como isso afetava a experiência do espectador ou a mensagem sendo passada.

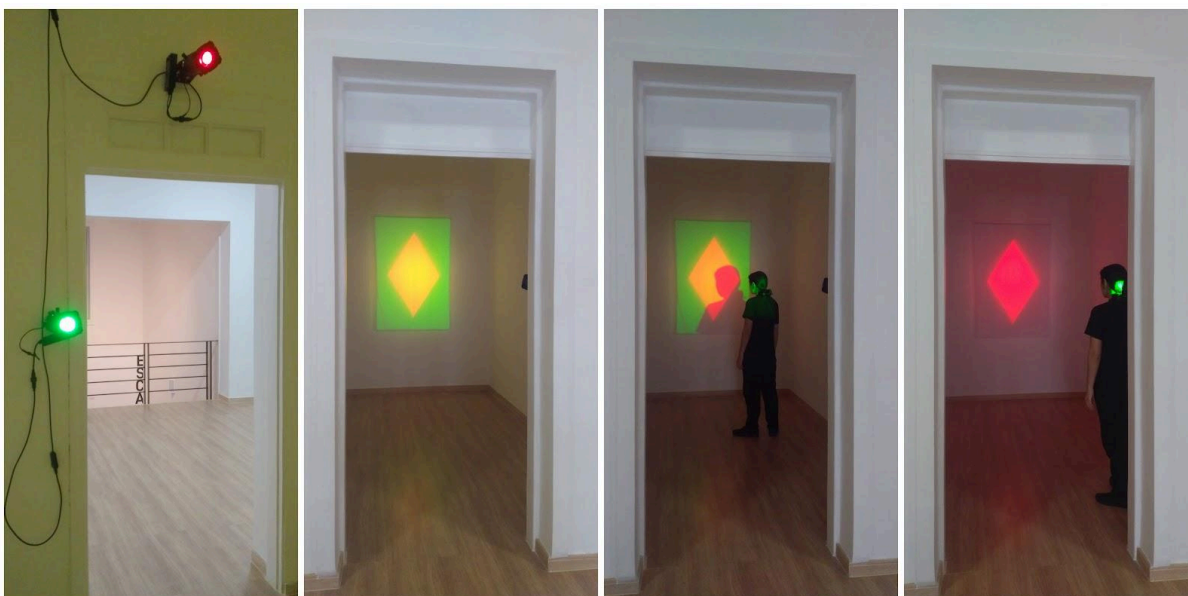


Figura 14 – Luciana Ohira e Sérgio Bonilha. *O Naípe de Ouros*, 2023. Instalação. Fonte:

<https://ohiraebonilha.com/>

Uma coisa que compreendi lendo *Universos da Arte* é que as cores sozinhas não significam muito, mas sim a associação delas com outras coisas. Então, a associação entre o verde, o amarelo e vermelho é que trazem significado para essa obra. Automaticamente nos remete a uma frase: Nossa bandeira nunca será vermelha. Esta obra brinca com essa ideia, justamente porque já é. Através da mistura, da combinação entre o vermelho e o verde é que se obtém o losango que nos remete à bandeira brasileira.

Eu automaticamente associei o verde de *O Naípe de Ouros* com o filtro verde e as colorações verdes em *Amores Expressos*. Embora as cores sejam usadas em sentidos diferentes, eu acabei por associar ambos os significados em minhas obras para criar algo novo. Esse é um ponto onde observo como as cores ficam em conjunto. Há muito verde em *Amores Expressos* e *Anjos Caídos*, exceto as interferências estrangeiras como a logo da Coca-Cola ou do McDonald's. Acabei utilizando do mesmo método inconscientemente, onde o vermelho nas minhas pinturas aparece para evidenciar a presença chinesa ou estrangeira, enquanto o verde e o amarelo brasileiros são desvanecidos.



Figura 15 – Nick Costa. *Sem título* (Recorte de Caderno de Artista). 2024. Guache sobre papel. Fonte: Acervo Pessoal

Me foi proposto o desafio de fazer uma pintura por dia no meu caderno de artista por algumas semanas e foi quando eu produzi boa parte do que é apresentado aqui. Foi acordado entre eu e meu orientador que esta seria uma das minhas metodologias de trabalho,

que eu pintaria como um hábito. Consegui, durante três semanas, pintar religiosamente todos os dias, de segunda a segunda. Honestamente, alguns dias funcionava, tudo fluía perfeitamente e em outros não. Muitas vezes, eu pintava coisas e automaticamente já pensava nelas em um suporte maior, talvez em um papel A3 ou A2, enquanto outros eu sabia que não poderia replicar seus efeitos fora do caderno. Hoje, olhando para trás compreendo o motivo. Muito da minha inspiração vem das ruas, então nos dias em que eu não precisava cruzar a cidade, parecia mais difícil criar algo. Era quando eu copiava frames ou pintava formas abstratas de memória, o que eu pessoalmente gosto, mas não sei se neste trabalho específico ele se encaixa, mas deixo aqui alguns registros deste período, que foi crucial para minha análise e recorte do conteúdo deste trabalho.

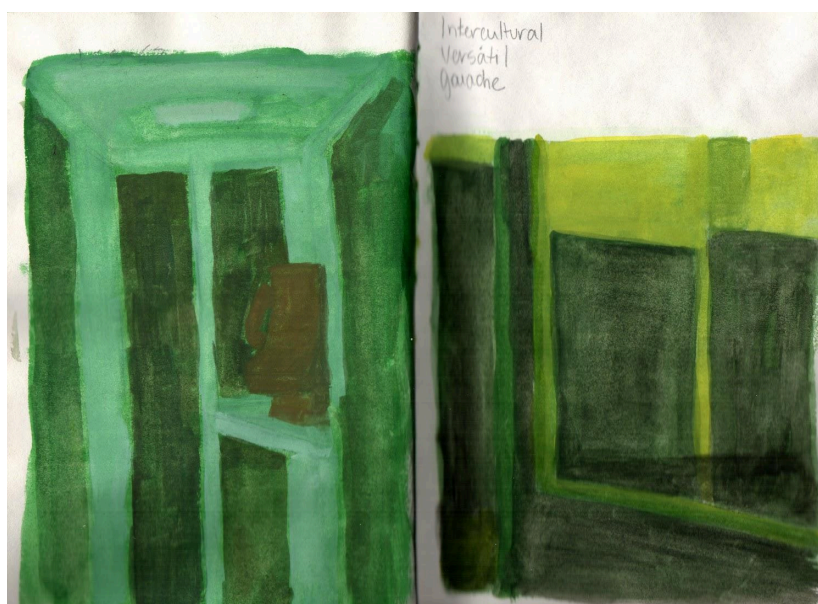


Figura 16 – Nick Costa. *Sem título* (Recorte de caderno de artista). 2024. Guache sobre papel.

Fonte: Acervo Pessoal.

Neste caderno, acabei reunindo todas essas associações. As obras de Wong Kar-Wai, de Ohira e Bonilha e minhas andanças e pesquisas por multiculturalidade em Goiânia, que é um assunto que me interessa e me inspira para criar arte. Com esta metodologia diária, percebi uma série de coisas muito importantes para o trabalho, a parte mais significativa foi a paleta de cores, sobre a qual eu nunca havia refletido anteriormente. O verde e o amarelo é o familiar. O vermelho é o intruso, o estrangeiro. A associação entre todas essas cores, entretanto, sou eu. Moldado para ser vira-lata e ver no exterior muito mais do que

vejo no interior, no local. A paleta é o elemento comum na maioria das obras aqui apresentadas.

Além de interferir nas cores, interfiro nas figuras. Adiciono aquelas que se parecem mais comigo, pessoas pardas ou negros de pele clara. Acredito que é uma maneira de estar mais familiarizado com estes cenários e torná-los mais culturalmente ricos, como são as metrópoles multiculturais como Goiânia e Hong Kong.

Não vejo motivos de não poder aproveitar o melhor de dois mundos, de valorizar o lugar de onde venho, falar sobre ele com carinho, ao mesmo tempo que não abandono partes importantes de minha personalidade e que tem naturalmente se inserido na cultura do país e está cada vez mais presente em Goiânia.



Figura 17 – Recortes de caderno de artista, posteriormente expandidos para suporte maior.

Fonte: Acervo pessoal



Figura 18 – Recorte de caderno de artista. Fonte: Acervo Pessoal



Figura 19 – Recorte de caderno de artista. Fonte: Acervo Pessoal



Figura 20 – Recorte de caderno de artista. Fonte: Acervo Pessoal

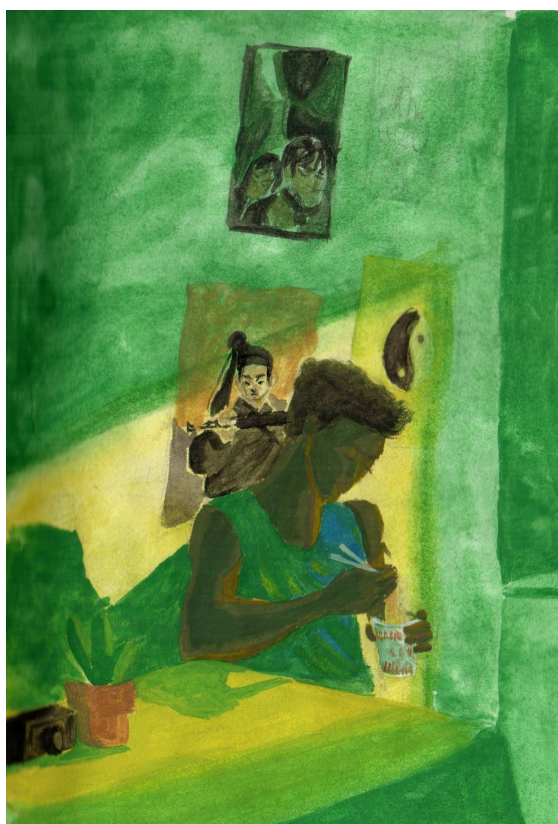


Figura 21 – Recorte de caderno de artista, posteriormente expandido para um suporte maior.

Fonte: Acervo Pessoal



Figura 22 – Nick Costa. *Jantar típico*. 2024. Guache sobre papel. 29,7x42cm. Fonte: Acervo Pessoal

3.2. Criar: uma conversa entre materialidades

Apresentei até agora diversas referências visuais e teóricas que contribuíram para o trabalho, mas ele em si ainda está em construção. Isso porque todo este trabalho está sendo um processo de autoconhecimento e reflexão sobre o meu entorno. Faço isto através de junções, adaptações, associações e hipóteses, todos juntos em um universo pessoal. Imagino constantemente uma cidade híbrida entre Hong Kong e Goiânia. Traduzir essa ficção para a linguagem pictórica é um desafio, mas Fayga Ostrower também salienta que:

É esta a dificuldade: imaginar o imaginar, imaginar as formas específicas em que se imagina. Lidamos com todo um sistema de signos que são referidos a uma matéria específica. As ordenações, físicas ou psíquicas, tornam-se simbólicas a partir de sua especificidade material. Não é possível traduzir nem parafrasear o processo imaginativo, porque transpor de uma matéria específica para outra desqualifica essa matéria e não qualifica a outra. O único caminho aberto para nós, seria conhecer bem uma dada materialidade no próprio fazer. Com este conhecimento e com a nossa sensibilidade tentaríamos acompanhar analogicamente o fazer de outros; sempre, é claro, por analogias de estrutura, e não de operações mecânicas. (Ostrower, 2014, p. 35)

E sobre o caso específico do pintor, ela exemplifica:

O pintor, por exemplo, não imagina em termos de palavras ou de pensamentos. De fato, nem imagina em termos de imagens, ou seja, imagens concluídas, quadros. Ele pode partir de idéias a respeito de pintura ou de outras coisas, ou pode partir de emoções, das quais nem sempre tem conhecimento consciente, ou, ainda, ele pode partir de temas literários, históricos, religiosos, de cenas visuais como paisagens, figuras humanas, objetos, natureza morta. Não é isso, entretanto, que corresponderá à imaginação pictórica. A imaginação do pintor consiste em ordenar, ou preordenar mentalmente certas possibilidades visuais, de concordâncias ou de dissonâncias entre cores, de seqüências ou contrastes entre linhas, formas, cores, volumes, de espaços visuais com ritmos e proporções. Serão essas as propostas da materialidade específica com que o pintor lida, as propostas de sua linguagem. O termo corrente imaginar naturalmente é empregado também nas artes plásticas; deve ser entendido como referindo-se a hipóteses que, no caso particular deve ser entendido referindo-se a hipótese que, no caso particular da pintura, envolvem uma materialidade cujos recursos formais são de ordem visual. (Ostrower, 2014, p. 36)

Como fotógrafo imagino de um jeito e como pintor de outro, mesmo que em ambas as materialidades a imaginação seja de ordem visual. O processo de ficcionalizar através da pintura é um desafio quando a maioria das minhas referências são fotográficas. São

materialidades e processos diferentes, mas acredito que a associação entre os dois também seja enriquecedora para o processo. Por exemplo, para construir uma fotografia digital, meu ponto de partida será a câmera, montar ou encontrar um cenário que valha a pena o registro e só durante a manipulação da imagem em algum software pensarei em cores, no que pode ser mais saturado ou menos saturado. Enquanto pintor, penso nas cores como parte central, desde o início, há um planejamento mais elaborado sobre onde colocarei cada elemento, enquanto nas câmeras tudo é mais imediato, cotidiano e para mim mero acaso.

As câmeras hoje em dia são imediatas, com um clique já é possível obter uma imagem completamente nova, enquanto com a pintura ela tem que ser gradualmente construída levando de horas até dias para estar “completa”. A maioria das minhas referências são assim imediatas, um vislumbre rápido por uma janela de ônibus de algo interessante, uma fotografia na rede social ou um frame de filme. Como posso então criar utilizando fotos? Transcrever um flash, um vislumbre em um processo que levará mais tempo que o próprio?

Como explicado no capítulo anterior, essas mesmas características imediatas presentes na fotografia, são também características do guache. Esse sentimento de pressa, de que a vida não pode parar apesar das preocupações e frustrações. Tudo isso pode ser transmitido através do guache.

Cheguei a produzir com calma, mas não acredito que tenham sido meus melhores trabalhos justamente por isso. No caderno, tenho mais liberdade para experimentar, construir algo rápido em um intervalo de tempo curto. É genuíno. Percebo que eu estava muito mais naqueles trabalhos que fazia entre uma condução e outra, em terminais de embarque, indo para a faculdade, naqueles que eu fazia na correria do dia a dia. Ainda que seja uma rotina árdua, tento pensar nesses momentos com carinho quando coloco a tinta no papel e nesses momentos sinto que tudo vale a pena porque estou criando, e é isso que quero fazer. Quando expando para suportes como um papel A3, por exemplo, sinto que parte dessa particularidade se perde, a genuinidade e honestidade do trabalho.

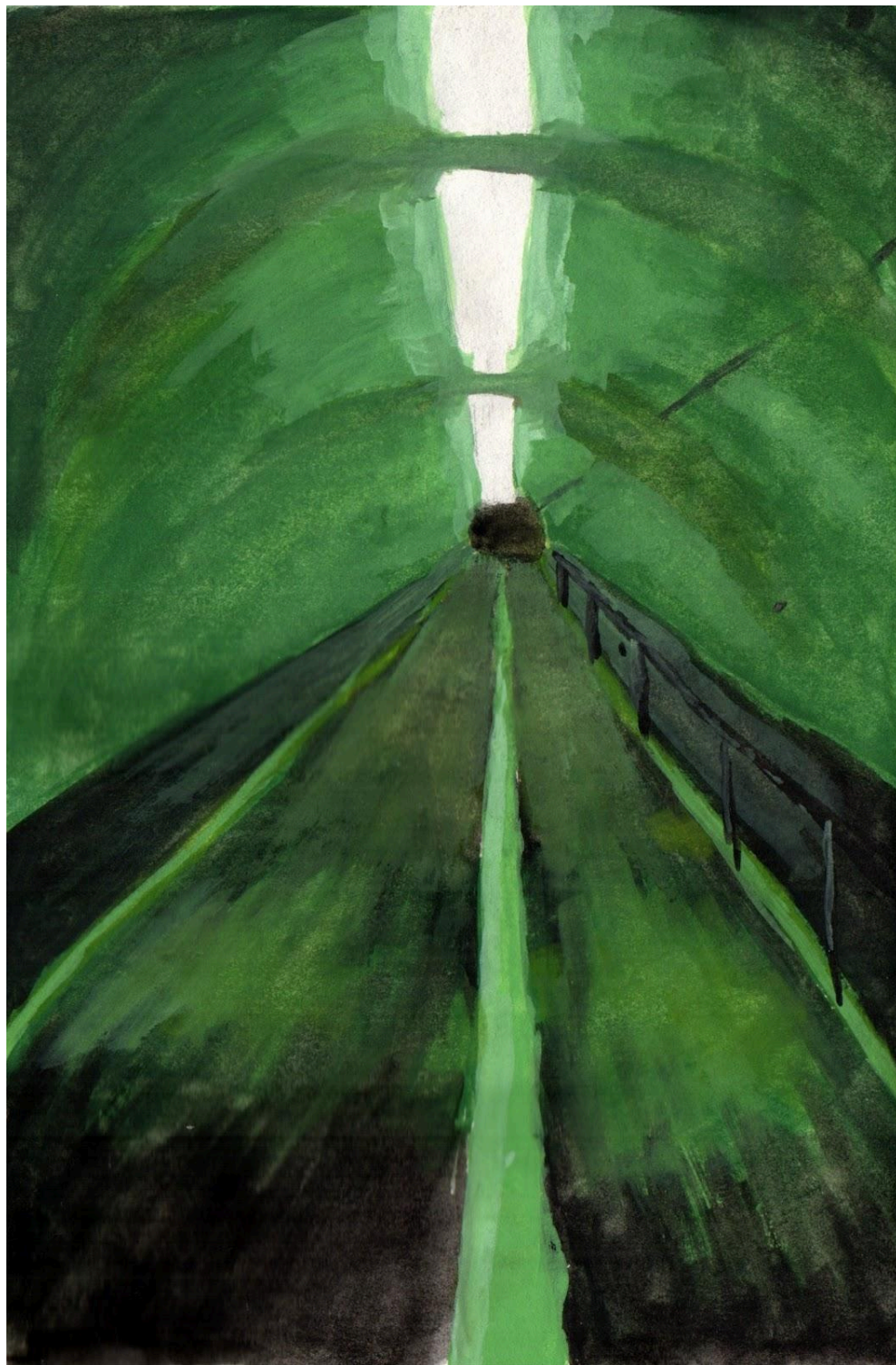


Figura 23 – Nicole Costa. *Sem título* (Recorte de Caderno de Artista), 2024. Guache sobre papel. Fonte: acervo pessoal



Figura 24 – Nick Costa. *5h55 Interrompendo a hora do chá*, 2024. Guache sobre papel.

29,7x42cm. Fonte: Acervo Pessoal

Não tenho muitas respostas ainda, mas sei que nada pode ser respondido se não for através da própria prática. E percebo, após todo o processo de escrever esse capítulo que ter uma imaginação pictórica é cada vez mais fácil. Neste momento, não sei se todas as minhas obras são consistentes com o conteúdo que tenho apresentado, talvez por esse desejo de abraçar todas as coisas que eu amo e transformar em arte, já mencionado antes. Meu processo artístico tem se fortalecido em cima dessas referências e vejo portas para algo maior e para pesquisar outras questões através delas.

É também gratificante ter meu trabalho exposto pela primeira vez, fora das dependências da Faculdade de Artes Visuais, já que *5h55 Interrompendo a hora do chá* esteve na exposição *Constelar* no Centro Cultural da UFG no período de 20 de setembro de 2024 até 21 de novembro de 2024. A experiência de ser notado, de ter um trabalho que provoca discussões é única e significativa, pois parece que finalmente meu trabalho tem alguma particularidade e a autenticidade que eu não gostaria de perder.

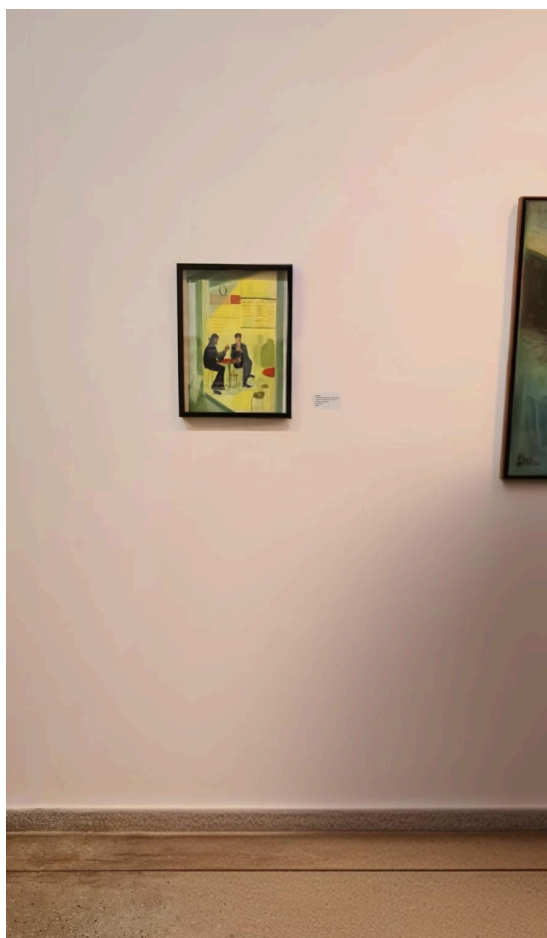


Figura 25 – Obra exposta na exposição *Constelar* em 2024. Fonte: Acervo Pessoal

Tenho o desejo de criar, de fazer, de associar e combinar. Ostrower afirma que este é um desejo inerente de nós seres humanos, queremos deixar nossa marca no mundo de modo que possamos nos relacionar com ele. Nossas contribuições por certo também farão com que sejamos vistos e lembrados por outros criadores e surge então essa necessidade, o sonho, o desejo por ser pioneiro em alguma área. Tenho em mente que tenho um longo caminho a percorrer antes que possa realmente contribuir para a arte goiana, mas é um desejo e um sonho natural, assim como acredito que é o dos meus colegas também. Mas por enquanto, contento-me em fazer o que amo: criar meu universo pessoal, minhas ficções hongkongoianas.

(In)Conclusões

Quando eu digo que curso Artes Visuais Bacharelado na faculdade, encontro reações carentes de sensibilidade de pessoas que dizem que queriam estar no meu lugar. Por acreditarem que Arte é fácil, que não exige um esforço cognitivo e às vezes até motor. Ou, por coisas mais simples, como o sistema avaliativo mais humano nos cursos de Arte. Afinal, em que outro curso seria possível um texto tão humano como este? Esse é um dos pontos positivos. Nem todo mundo consegue ser artista porque exige a coragem de viver na incerteza, de tudo ser incerto e hipotético. Mesmo com os métodos avaliativos, não há certeza de que conseguiremos viver e ter estabilidade financeira apenas como artistas.

Despedidas, fins de ciclos e mudanças são coisas difíceis. Estou sofrendo escrevendo isto porque não sinto que aproveitei ao máximo o que poderia ser aproveitado. Desde outubro, constantemente penso na frequência em que estarei na Faculdade de Artes Visuais da UFG (FAV-UFG), em como as discussões em ateliês serão menos frequentes e tenho medo disso. É uma completa mudança de rotina e do meu cotidiano, que é da onde parte toda essa pesquisa. Constantemente me indago sobre o que vou pintar, como vou pintar, com o que vou pintar e se vou continuar pintando. Estou desesperançoso sobre muitas coisas e me confronto com a realidade, depois de tanto ficcionalizar. Para ser artista é necessária uma estabilidade financeira e psicológica e eu não sei por quanto tempo mais terei esses privilégios. Nesse momento, escolho ter esperança de que uma oportunidade me será dada e não deixarei passar como fiz com algumas outras.

Também adquiri paixão pela própria Pesquisa em Arte. A pesquisa em si é uma busca incessante por conhecimento e a Pesquisa em Arte por conhecimento do processo artístico de forma mais íntima. A satisfação de saber, aprender e compartilhar toda essa racionalização de um processo sensível são experiências proporcionadas por ela. Estou com medo do futuro e arrependido por muitas coisas, mas me orgulho do conhecimento que adquiri e o desdobramento dele. Ainda tenho muito o que aprender.

Meu amor por arte agora pulsa e sangra, quero criar, debater e criticar muito mais sobre. Já tenho feito essas coisas nos ônibus, em rodas de conversa, mesas de bares e lanchonetes. Discuto planos com os amigos do curso, sonhamos com galerias e

reconhecimento. Nesse momento surgem leques de hipóteses e possibilidades. Agora compreendo mais perfeitamente as palavras de Gombrich ao dizer que não existe Arte, apenas artistas. Eu também conheci pessoas e vi seus espíritos, desejos e às vezes sua dor através de telas, fotografias, colagens, vídeos e pinceladas. É essa vontade de colocar nossos espíritos e paixões no mundo que criam tantas possibilidades.

Há uma tremenda ironia em escrever uma conclusão de uma pesquisa que eu sinto ainda não estar acabada. Parece que, na verdade, o início da minha jornada como Artista e Pesquisador só começou. Quero explorar mais desse universo ficcional e muito mais no futuro, então espero que este Trabalho de Conclusão de Curso não seja uma conclusão de uma fase da minha vida, nem uma despedida, mas um “até breve”, uma abertura para novos caminhos na universidade e na arte.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles, Salão de 1859, *in*: **A pintura: Textos Essenciais Vol. 5: Da imitação à expressão**, [s.l.]: Editora 34, 2019, p. 119..

CABRAL, Luana Mendonça. **Sobre o corpo e Seu Espaço: Trânsito e Interculturalidade em Amores Expressos**. Associação Brasileira de Cinematografia, 2015. Disponível em: <https://www.abcine.org.br/artigos/?id=1572&/sobre-o-corpo-e-seu-espaco-transito-einterculturalidade-em-amores-expressos>. Acesso em 2024.

GOMBRICH, E. H, **A História Da Arte**, Rio De Janeiro: Ltc, 2012.

ISABOY, L., **Técnicas de gouache y temple**, [s.l.]: Las Ediciones De Arte, 1968.

LEITE, José Roberto Teixeira, **A China no Brasil: Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na arte e na sociedade do Brasil**, Unicamp, 1994.

LUNA, Denise . Importação de bens duráveis da China sobe para 51% no 1º trimestre, diz FGV/Icomex. **CNN Brasil**, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/mercado/importacao-de-bens-duraveis-da-china-sob-e-para-51-no-1o-trimestre-diz-fgv-icomex/#:~:text=A%20an%C3%A1lise%20da%20pauta%20brasileira,esse%20porcentual%20subiu%20para%2051%25.>>. Acesso em: 18 set. 2024.

MATISSE, Henri, Notas De Um Pintor, *in*: **Escritos E Reflexões Sobre Arte**, São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MONAHAN, Patricia, **Painting in Gouache**, [s.l.]: Sterling Pub Co Inc, 1993.

OSTROWER, Fayga, **Criatividade E Processos De Criação**, [s.l.]: Editora Vozes, 2014.

OSTROWER, Fayga, **Universos da arte**, [s.l.]: Campinas Ed. Da Unicamp, 2013.

REY, S. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**, [S. l.], v. 7, n. 13, 2012. DOI: 10.22456/2179-8001.27713. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27713>. Acesso em: 31 out. 2024.

TARÍN, Francisco Javier Gómez. **Wong Kar-wai**: Grietas en el espacio-tiempo. Madrid, Espanha: Ediciones Akal, S.A., 2008.

VAN GOGH, Vincent, **Cartas a Théo**, Porto Alegre, Rs: L&PM, 1997.

WERNECK, Martha, **Têmperas**, [s.l.]: Escola de Belas Artes EBA - UFRJ, 2009.

YANG, Ya-an. An analysis on Traditional Chinese Painting Art Characteristics A Case Study of “Qunxian Zhushou Tu”. In: **Proceedings of the 1st International Conference on Arts, Design and Contemporary Education**. [s.l.]: Atlantis Press, 2015, p. 8

Filmografia

AMORES Expressos. Direção: Wong Kar-Wai. Produção: Jeffrey Lau. Roteiro: Wong Kar-Wai. Hong Kong: Jet Tone Production, 1994. (103mins), DVD, son. color. Legendado. Português.

ANJOS Caídos. Direção: Wong Kar-Wai. Produção: Jeffrey Lau. Roteiro: Wong Kar-Wai. Hong Kong: Jet Tone Production, 1995. (98mins), DVD, son. color. Legendado. Português.

BESOURO. Direção: João Daniel Tikhomiroff. Produção: Vicente Amorim e Fernando Souza Dias. Brasil: Buena Vista International, 2009. Disponível em:

<https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Besouro/0N0HDKRV1X5QN6P0S6VEW7Y2B7>

ERA Uma Vez Na China . Direção: Tsui Hark. Produção: Tsui Hark. China: Orange Sky Golden Harvest, 1991. (134mins). Disponível em:

<https://www.primevideo.com/detail/Era-Uma-Vez-Na-China/0SSIF5DRCH448KDDNTBMD1Y14Q>

KARATE Kid Direção: Harald Zwart. Produção: Jerry Weintraub. China, Hong Kong, Estados Unidos da América: Sony/Columbia, 2010. (140mins). Disponível em:

<https://www.netflix.com/pt/title/70125931>

KUNG Fu Panda. Direção: Mark Osborne. Produção: John Stevenson. Estados Unidos da América: Universal Pictures, 2008. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/70075480>

MULAN. Direção: Tony Bancroft, Barry Cook. Produção: Pam Coats. Estados Unidos da América: Walt Disney Pictures, 1996. Disponível em:

<https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/mulan/85wmj4hahA0B>

ANEXOS

Anexo 1 – Pôster para divulgação da Exposição Constelar no CCUFG, 2024.



Anexo 2 – Capa de catálogo virtual⁴ da Exposição Constelar no CCUFG, 2024.



Anexo 3 – Produção de *5h55 Interrompendo a hora do chá*, 2024.



⁴ <https://centrocultural.ufg.br/p/52501-2024>

Anexo 4 – Caderno de Artista utilizado na metodologia de produção diária, com esboços da pintura *Jantar Típico*, 2024.

